



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Carolina Monteiro Alves

**1001 Mãos de Ferro: uma inteligência antiga, opaca e Artificial**

Florianópolis

2024

Carolina Monteiro Alves

**1001 Mãos de Ferro: uma inteligência antiga, opaca e Artificial**

**RELATÓRIO TÉCNICO**

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres

Orientadora: Prof. Valentina da Silva Nunes.

Florianópolis

2024



Ficha de identificação da obra

Monteiro Alves, Carolina

1001 Mãos de Ferro : uma inteligência antiga, opaca e Artificial / Carolina Monteiro Alves ; supervisora, Valentina da Silva Nunes, 2024.

38 p.

Relatório de Estágio - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Inteligência Artificial. 3. Desigualdade. 4. Operários de dados. 5. Guerra. I. da Silva Nunes, Valentina. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Carolina Monteiro Alves

**1001 Mãos de Ferro: uma inteligência antiga, opaca e Artificial**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2024.

---

Profª Drª Valentina da Silva Nunes  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profª Drª Valentina da Silva Nunes  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª Drª Daisi Irmgard Vogel  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Ainda que apenas o meu nome esteja no rótulo de autoria, há muito o que agradecer às pessoas que me deram suporte material, mental e espiritual para este trabalho ser realizado. Sou grata e ciente de todo o apoio que a minha avó, Anna Maria Bernardino, e minhas tias, Lúcia Araújo e Neumana Monteiro, me deram, enchendo o meu espírito de força e a minha mesa de sustança para que eu não precisasse me ocupar com outras coisas.

Agradeço à agência de fomento por financiar este trabalho: Angelina Monteiro, minha mãe. E ao professor geólogo Francisco Rubens Alves, meu pai, em memória, por encorajar a decisão que eu tive de escrever sobre um tema do qual muito pouco eu sabia, quase nada, menos que o bê-a-bá. Uma pena ele não ver o resultado final. Mas é um folgado, poderia ter ficado para ajudar no processo... Paciência.

Algumas das fontes com quem tratei foram totalmente fundamentais para a execução do trabalho não apenas pelas suas entrevistas, mas pelo encorajamento e por todas as pistas que recebi delas. Por isso digo que apesar de meu nome figurar como autora, não teria sido possível sem um grande e coletivo trabalho, de uma rede de pessoas que talvez não se conheçam mas que contribuíram para um mesmo propósito.

Agradeço às jornalistas Mayara Heloisa Santos e Erika Artmann por não me deixarem vacilar. Aos historiadores Dr<sup>a</sup> Ângela Balladares, Leonardo Rossi e Eliezer da Rosa Jr. por me apoiarem a desenvolver minha resiliência e coragem. À Karine Joulie, Loiva Knuth, Pedro Porto, Klay Silva e os profs. Dr. Ildo Golfetto e Dr<sup>a</sup> Isabel Coelho, que muito aliviaram as dores deste ano de ~~terror~~ 2024.

Obrigada também ao Dr. Julio Marinho Ferreira, prof. Dr. Ruhan Conceição, Matheus Alves e Heloísa Faria, que mostraram como o tema era necessário. A Gabriel Santana Martins, Dr., por me mostrar uma visão geral do trabalho que eu mesma não via. Aos engenheiros que me ensinaram uma outra forma de pensar, no projeto de extensão Vento Sul do Centro Tecnológico da UFSC, que serviu como QG para o meu processo de escrita. Agradeço a Thamires Alves, também engenheira, por encorajar as mulheres na ciência e tecnologia.

Agradeço ao ilustrador, Victor Hugo Gonçalves, por se empolgar com este trabalho comigo. E, por fim, pela paciência e suporte da orientadora, Dr<sup>a</sup> Valentina da Silva Nunes. A professora foi um alívio para um ano cruel do meu universo pessoal. Obrigada por ter a delicadeza de guiar o meu trabalho de forma que este projeto foi uma delícia de viver.

As mãos de LEVI abrem a capa do livro, que é de couro, com uma decoração intrincada. Dentro, o desenho de um GOLEM com escritas minúsculas ao lado.

TEXTO EM TELA

"Essa figura, chamada Golem, foi feita há muito tempo por um mago da Tessália. Se você colocar a palavra mágica no amuleto de seu peito, ele viverá enquanto portá-lo."

FADE OUT. FADE IN.

O rabino LEVI tem na sua frente o livro aberto e seu ASSISTENTE está apoiado em cima. O ASSISTENTE olha para o alto, aterrorizado. LEVI diz para ter coragem.

*(Der Golem. Dir. Paul Wegener; Karl Boese. 91min. Alemanha, 1921)*

## **RESUMO**

O propósito do trabalho é produzir um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso, com uma leitura atual sobre impactos da Inteligência Artificial. Para isso, é feito um paralelo entre o que ela é hoje e a visão que os povos antigos tinham entre os seus mitos do que viemos a chamar de “inteligência artificial”, que hoje estão entre nós mas não são feitos de magia – pelo contrário, se desenvolvem através de carne e osso. A reportagem investiga a relação entre os humanos e as tecnologias de inteligência artificial, num contexto em que esta é como uma nova indústria, suas ferramentas são orientadas por interesses de atores dominantes em uma sociedade desigual, a regulação ainda é esparsa e a ética é tratada como um item opcional.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial. Ética. Desigualdade. Violação de Direitos.



## **ABSTRACT**

This work aims to produce a reportage book as Bachelor's Degree Final Project, with a contemporary perspective on the impacts of Artificial Intelligence in society. To achieve this, a parallel is drawn between the A.I. and the way the ancient envisioned what we would come to call an "artificial intelligence" through their myths, and how these are now among us, not made of magic – but they are produced and developed by flesh. The report investigates the relationship between humans and artificial intelligence technologies in a context where this is like a new industry, the tools are driven by interests of dominant actors in an unequal society, regulation is still sparse, and the ethics is treated as an optional item.

**Keywords:** Artificial Intelligence. Ethics. Inequality. Rights Violation.

## LISTA DE FIGURAS

Fig.1: A tropa de choque chinesa.....	3
Fig.2: A Defesa Civil municipal.....	4
Fig.3: Esculturas e quadro em cápsulas e balas.....	5
Fig.4: Moodboard de linhas e cores.....	12
Fig.5: Moodboard de áreas.....	12
Fig.6: Moodboard de storytelling.....	12
Figs. 7 a 16: Amostra do processo de ilustração.....	13
Fig.17: A reunião mais secreta.....	17
Fig.19: Telão da Intelbras.....	18
Fig.20: Comparativo da Intelbras.....	18
Fig.21: Tanque Guarani.....	19
Fig.18: Fone, receptor e pasta.....	19
Fig.22: Carolina e K-9.....	20

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1. Objetivo Geral	2
2.2. Objetivos Específicos	2
3. JUSTIFICATIVA	3
3.1. QUAL O ALCANCE DAS 1001 MÃOS DE FERRO?	5
3.2. O QUE OS MITOS TÊM A VER?	7
4. FORMA E CONTEÚDO	8
5. PROCESSO DE ARRANQUE	9
5.1. ILUSTRAÇÃO E PROJETO GRÁFICO	11
5.2. MÉTODO DE APURAÇÃO: ENCONTROS, CHAMADAS E MENSAGENS	15
5.3. UM MÉTODO DE BUSCA: A PERNADA	17
6. INVESTIMENTO E RECURSOS	20
7. PANORAMA DA EXPERIÊNCIA	21
REFERÊNCIAS	23
ANEXO I - PESSOAS CONSULTADAS	24
ANEXO II - DECLARAÇÃO DE AUTORIA	26
ANEXO III - FICHA	27

## 1. INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (I.A.) parece ter saído do mundo da ficção. E saiu mesmo. Desde as mais antigas histórias, existem aqueles personagens que são criados pelos artífices e pelos deuses, com magia ou poderes que trarão à vida; ou, ainda, são esses seres especiais dos mitos que fazem alusão a algum conceito da tecnologia que nós conhecemos. Por exemplo, o Google pode lembrar um gênio que sabe todas as respostas; as estátuas guardiãs de templos assírios e egípcios parecem exercer a função de um *firewall*; a estátua da Galateia viveu para amar somente a um homem, o seu criador, e lembra bem um robô romântico.

Talvez as antigas lendas, assim como grandes clássicos, tenham ainda algo a ensinar hoje – mesmo que sejam sociedades muito distantes no tempo entre si. Por isso, partimos dessa premissa de que inteligências artificiais podem nem sempre ter sido chamadas assim, mas já figuravam no coração dos homens, então, essa ideia estava o tempo todo entre nós (ainda que não tivéssemos o suporte de material e conhecimento para torná-la concreta). A reportagem se apresenta com um pé no passado, e escolhe dois mitos para suscitar a reflexão ética sobre as tecnologias de Inteligência Artificial: o Golem (dos judeus de Praga) e Talos (dos gregos). Ambos são autômatos, o que hoje nós chamamos de robôs.

O Golem é emprestado e tomado de volta pelo espírito ou deus que lhe deu a vida, lembrando a nós que tecnologias incríveis, quase sempre, têm o destino de servir àquele que tem o maior poder. Talos foi um presente para fazer a segurança da ilha de Creta que, apesar de ser um gigante feito de metal, tinha uma veia de vida vulnerável dentro dele, nos lembrando que as ferramentas de I.A. são feitas, desenvolvidas e treinadas pelos vivos.

O problema que não tratamos de forma explícita no texto mas que perpassa ele como uma premissa do assunto é que a I.A. é uma revolução tecnológica que não pode ser contida. O salto de desenvolvimento que ela força para a computação é como sair do artesanato para máquinas a vapor. Trata-se de uma nova forma de indústria, de prestação de serviços, de economia e até da guerra – uma mudança que não poderá ser retroagida e nem resistida –, ainda que algumas pessoas optem por evitar utilizar serviços que sejam evidentemente baseados em I.A. no seu uso pessoal.

A I.A., por si, não é boa nem má. Mas tende a ser má e reforçar desigualdades, porque é produto de uma sociedade que, apesar de ter o bem e o mal, também tende a reforçar

desigualdades. Apesar de oferecer um novo mundo de possibilidades para a humanidade, até o momento essas ferramentas estão reincidindo constantemente na violação de direitos. Essas desigualdades são tanto externas, com relação à aplicação da I.A., quanto internas, na sua produção e desenvolvimento. De forma externa, ela tem sido usada para dominação; de forma interna, ela tem sido um ambiente de exploração dos nossos dados e da mão de obra.

## **2. OBJETIVOS**

Os objetivos deste projeto partem do princípio de que a I.A. é uma revolução tecnológica irrevogável e muito veloz, mas que, ao mesmo tempo, sempre foi um desejo humano: a ideia é antiga, mas o produto é novo; no entanto, os problemas que ela não supera também são antigos, trazendo uma forte marca de desigualdade.

### **2.1. Objetivo Geral**

O objetivo do livro-reportagem é mostrar um quadro atual sobre a Inteligência Artificial, tendo como guia a relação entre a tecnologia e a humanidade.

### **2.2. Objetivos Específicos**

Observar os paralelos entre a visão que os povos antigos tinham entre os seus mitos do que viemos a chamar de “inteligência artificial”, e aquela I.A. que é concreta e está entre nós hoje, para perceber se os antigos têm algo a nos dizer sobre essa missão de construir um ser autômato e quais os riscos;

Investigar as desigualdades que são produto dessa revolução, num contexto em que esta é uma nova indústria, que vem de uma lógica capitalista bastante agressiva, e em que as ferramentas são orientadas por interesses de atores dominantes em uma sociedade desigual; a regulação ainda é esparsa e a ética é um item de luxo.

### 3. JUSTIFICATIVA

A primeira razão para ir a fundo neste tema é porque vivi uma oportunidade de trabalho como *data worker* junto ao meu melhor amigo em 2016, mas ele só conseguiu sair disso anos depois, totalmente esgotado. Aos poucos, eu não o vi mais, nem tive notícias, só conseguia saber como estava quando o visitava para ver se estava tudo bem (a família dele também já pouco sabia). Assisti ele adoecer no corpo e na mente.

A transformação sombria que eu vi nele me motivou a expor tudo o que aquele contrato, que o subjugava, dizia para manter segredo. Mas aquele instrumento não mencionava “Inteligência Artificial”, nunca usou esse nome, dizia que era para ajudar as empresas a “humanizar” seus resultados. Eu não sabia o que era I.A. até pouco tempo atrás, de tal forma que nem achava que pudesse ter grande impacto na minha vida.

Então, aí entra a segunda razão para escrever sobre isto. Parte de uma experiência que eu tive em 2022, visitando a COP Internacional (“o principal evento latino-americano de segurança pública e atividade policial”, como se descreve), para ver o que existia de novidades em resgate e salvamento. Ao entrar no Centro de Eventos, no norte de Florianópolis, fui barrada. A entrada era gratuita, mas precisava deixar uma cesta básica para os recepcionistas, que eram pastores da Igreja Bola de Neve. Eu entrei sem planos, estava apenas passando pela via. Mas o pastor sorriu, me deu um crachá carimbado de ponta-cabeça (procurei um igual no pescoço de alguém, mas só o meu estava assim). Me deu as boas-vindas e mostrou a entrada.

Lá dentro havia uma feira de equipamentos táticos e de segurança, alguns apenas



Fig.1: A tropa de choque chinesa literalmente dá choque. Foto: acervo pessoal.

para demonstração e outros para venda. Todos os passantes vestiam as mais diversas fardas, de muitas instituições públicas e privadas, do Brasil e da América do Sul. No andar de cima, exposição de armas de fogo e fardas de forças especiais – onde encontrei uma armadura das forças chinesas do batalhão de operações especiais, em que toda a superfície do escudo é um *taser*; o aparelho de choque que tem o objetivo de imobilizar temporariamente os alvos.

Vi grandes motores da aviação. Gastei quinze minutos aprendendo sobre um raio-x portátil, que parecia

*scanner* de caixa de supermercado. Peguei muitos folders. Passei por um corredor de estobos com o hino da Tropa de Elite. Vi um quadro do “Exterminador do Futuro” feito de balas.

O que eu fui procurar na feira, não encontrei. Vi muitos itens, máquinas e ferramentas que são caros – e eu digo “caros” do tipo caros em dinheiro público, em tempo, em pesquisa, em gerações. Encontrei dois fulanos com o uniforme da Defesa Civil de Florianópolis. Pensei: “o que interessa a eles, interessa a mim”, fui seguindo de longe. Engano. Foram jogar por cinco minutos um simulador de operação no morro, telão em que um menino de chinelo corre subindo a rua e eles têm que “pegar ele”.

Encontrei sozinha uma barraquinha vazia, o representante jogando no celular. Lá dentro estava a maior revolução para atividades de salvamento em desastres: uma maca com articulação hidráulica. Fácil de usar e mais confortável em situações de mobilidade ruim. Então, infelizmente, diante de tantas novidades tecnológicas que pareciam ter saído de filmes malucos, a de resgate parecia uma inovação mecânica relativamente simples. Saí da feira com um sentimento de desesperança por perceber que a indústria para matar e a indústria para preservar a vida têm orçamentos inversamente proporcionais.

Desde então eu tenho prestado muito mais atenção no campo da tecnologia. É um campo de disputa, e que eu não li, nem assisti, mas senti com muito pesar. Por isso, o tema de Inteligência Artificial se tornou um fator totalmente decisivo para qualquer área de aplicação, porque a diferença entre esses modelos e os da computação tradicional que já conhecíamos é exponencial. Comecei a investigação querendo saber como foi a recepção dela no Brasil, através da minha busca pelas primeiras notícias com esse nome na *Folha de S. Paulo* online.

Lá eu me cansei diante da quantidade de notícias sobre videogames que tinham as suas próximas versões melhoradas com I.A. Eram tantas nos anos 2000 que eu parei de incluir



Fig.2: Membros da Defesa Civil Municipal não foram imediatamente onde achei que iriam. Foto: acervo pessoal.

na minha compilação tudo o que fosse sobre videogames. Não me lembro quando isso passou a ser um problema, mas essa exacerbação de notícias sobre I.A. nos jogos escondia o total vazio de notícias sobre o uso dela na guerra – mesmo em anos que já se sabe do uso de armas autônomas na Faixa de Gaza, pelo menos desde 2015.

Por que não temos notícias sobre o uso da I.A. matando gente? E por que temos tantas notícias de I.A. usando os dados do jogo para melhorar o próximo jogo? Suspeitei que as duas coisas estavam ligadas. A janela de oportunidade que isso representa é de um valor muito grande para investir nesses dados (o tal do “novo petróleo”) só para lançar uma nova versão de *videogame*.

Fiquei perturbada com a ideia de que milhões de horas de *gameplay* de jogos de todos os seus usuários podem, de alguma forma, terem sido usados para treinar máquinas de combate ou simuladores militares. Hoje, segundo as fontes que consultei para este livro, entendo como seria complicada essa operação, para não dizer impossível. Inviável na prática, até onde se sabe. Tudo isso é especulação, não há dados que digam que pode ser um caminho real, mas essa curiosidade serviu como um pontapé para começar o livro.



Fig.3: Esculturas e quadro feitos com cápsulas e balas, COP Intl. 2022. Foto: acervo pessoal.

### 3.1. QUAL O ALCANCE DAS 1001 MÃOS DE FERRO?

Perguntei para o Chat GPT (OpenAI) e para a Meta AI (disponível no WhatsApp) quais eram os riscos que a I.A. oferecia para a sociedade. Todas as vezes que perguntei, e



foram muitas, se dizia mais ou menos dez áreas, mas nunca a política. Contudo, incluía riscos na área de mídia e publicidade – sendo que eu, humana, consigo ler o mundo para saber que o maior risco nessa área é na política, e posso julgar que a sua resposta esteja incompleta no ponto mais sensível.

Explico o título do livro, com as terminologias usadas: as mãos de ferro são para aludir ao toque metálico e sem misericórdia que os sistemas de I.A. dão às ferramentas a que estão envolvidos. Do lado de fora, ela acirra as desigualdades. Do lado de dentro, viola direitos dos trabalhadores. A expressão “mil e uma” é por sua versatilidade e grande campo de aplicação, de certa forma uma acepção que já é parte do imaginário e da linguagem da atualidade, e também por ser um número binário. O alcance é muito amplo, e não é possível estar imune ao seu toque sem se isolar da sociedade. Ainda que alguém busque evitá-la no seu domínio pessoal, as cidades, estados e países têm sistemas inteiros dependentes dessa tecnologia. É como tentar estar avesso à própria eletricidade: requer um grande esforço e adoção de um modo de vida muito restritivo.

A princípio, parece uma visão horrível, mas a tecnologia tem um trabalho a ser realizado na sociedade que é fundamental. A melhora dos sistemas de saúde e de sinalização, por exemplo, são aspectos que afetam diretamente e imediatamente o dia a dia das pessoas. Sem eles, já não teríamos condições de atingir os mesmos resultados contando apenas com a computação tradicional e as mãos humanas somente.

Max Fisher trata em *A máquina do caos* dos efeitos da Inteligência Artificial nas redes sociais, e a lógica perversa do algoritmo direcionado ao engajamento. Ele destrincha alguns fatos que imputaram grande custo à democracia e à equidade entre os povos. O autor conclui em seu livro que “A mistura de ideologia, cobiça e a opacidade tecnológica na complexidade do *machine learning* nubla executivos quanto a ver as suas criações por inteiro. As máquinas, no que diz respeito a tudo o que importa, são essencialmente desgovernadas”. (FISHER, 2023, p.447.)

É também nessa extensa reportagem de Max Fisher que encontro uma inspiração para o formato de livro-reportagem. O autor mostra com evidências o fato de que os algoritmos são desenhados para agregar ódio, porque este tem se mostrado como o sentimento mais manipulável das pessoas. Ele também repassa, caso a caso, as perturbações causadas pelo algoritmo das redes sociais em eventos do Sri Lanka, Mianmar, México, Brasil e Alemanha. Entre os especialistas entrevistados, Frances Haugen, que junto a outros acredita

que se essas redes fossem responsáveis pelo que seus sistemas possibilitam, já teriam desligado seus algoritmos.

Nessa corrente de pensadores e técnicos que clamam por uma supervisão humana da I.A., com mais controle e transparência, está também uma frente de cientistas que deseja desenvolver uma “I.A. amistosa”. Margaret Boden descreve esta como “uma I.A. com efeitos positivos para a humanidade, sendo, ao mesmo tempo, segura e útil”, e que “devem ser transparentes, previsíveis e à prova de manipulação” (BODEN, 2020, p. 28).

Até aqui, acredito que em setores da nossa sociedade nós já somos dependentes dessa forma de tecnologia e não há retorno para isso. Daí que urge uma necessidade de começar a pensar já de forma crítica como é a I.A. que queremos e podemos ter – antes que exista um momento tal do seu desenvolvimento em que já ninguém seja capaz de tirar dela o seu poder.

### **3.2. O QUE OS MITOS TÊM A VER?**

Ainda vai levar muito tempo para saber o que a I.A. é e pode fazer; um caminho que pode ajudar é aprender mais sobre mitologia, para ter a sabedoria de poder olhar para as antigas histórias da humanidade e discernir o que lá no passado já nos inquietava e ver ali o que elas teriam a dizer para a gente hoje, sobre os desafios e os nossos mitos de hoje. O que este livro propõe é lançar um olhar, de tantos possíveis, para investigar essa situação. Até onde esse trabalho operou, dá para perceber que, sim, uma mensagem está vindo lá de longe, contém muito da experiência e essência humanas em questionamentos levantados em antigas civilizações. Mas ela vem cheia de ruídos, é pouco objetiva e confusa.

Tratar das coisas confusas pede uma janela de tempo muito maior, exige algo que nem todos estão dispostos a oferecer, que é estar aberto à proposta e, de fato, querer ouvir o que aqueles que não estão mais aqui podem nos dizer. Não é objetivo deste trabalho trazer uma perspectiva estritamente factual, nem uma reportagem longa no estilo tradicional, mas agregar subsídios para um pensamento crítico direcionado ao endereçamento de uma matriz de problemas atuais. Esse objetivo está alinhado a um estilo de jornalismo defendido por Cláudio Abramo (1988).

“É possível fazer um grande jornal apenas relatando os fatos, mas acredito que um jornal assim não é capaz de cumprir o seu papel, já que não vai até o fim das coisas e deixa ao leitor a

incumbência de julgar por si só.” (ABRAMO, 1988 p. 114).

A reportagem tem em si uma preocupação de apontar o problema, mas não parar aí. Fica em aberto no livro-reportagem esse recorte de mitologia, para que o leitor faça a sua própria ligação, mas com o suporte dado pelos fatos. E, quem sabe, possa olhar para a história e ter boas ideias. Estou torcendo para que outros tenham uma visão ainda mais evidente do que aquilo que eu apenas vislumbrei como um vulto, para falar sobre um mundo que nunca mais será o mesmo (mas continua o mesmo).

O texto oferece um parâmetro básico de que nós, hoje, concretizamos o que era, em algum momento, apenas fantasia. Sobre essa fantasia muitos já pensaram antes de nós, refletiram, criaram histórias do que poderia ser, de quais riscos existiam, e de como mitigar os danos - o que pode nos dar alguma vantagem. Pensamos que os problemas que enfrentamos agora são únicos, mas talvez haja uma margem de conhecimento que já vinha sendo elaborada há tanto tempo, mesmo que sob valores de diferentes sociedades. Por isso, também, os mitos no livro-reportagem sobre tecnologia vêm para subsidiar um caráter reflexivo.

#### **4. FORMA E CONTEÚDO**

No Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o primeiro dever descrito é o de opor-se à opressão:

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos; (FENAJ, 2007)

Esta é uma característica que procurei levar do começo ao fim no texto de forma bastante explícita e sincera. Também para Kovach e Rosenstiel (2004), “verificação e síntese se tornam a espinha dorsal do jornalista” e “o próximo passo é que os jornalistas deixem bem claro a quem dedicam sua lealdade prioritária” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, P. 77).

A prioridade máxima do trabalho é dar subsídio para novas discussões, por isso trata-se de um ponto de vista crítico ao desenfreamento do uso das tecnologias de I.A., uma postura incompatível com a realidade de desigualdade que ela está ajudando a cimentar. Este é

um posicionamento deixado evidente ao longo do texto, contudo, tendo à consciência bastante viva de que esta também é uma revolução tecnológica muito necessária e que tem o poder de operar grandes coisas para uma sociedade mais justa, com mais equidade e com mais oportunidades e bem-estar.

A primeira parte do livro mostra um panorama geral de eventos relevantes da I.A. nesta atual fase de desenvolvimento, impactando diretamente na sobrevivência das pessoas. A maioria dos exemplos e fatos mencionados são estrangeiros, em especial dos Estados Unidos, porque a I.A. nasceu e cresceu lá. Esse fato impacta bastante no recorte de fontes, porque todas estão em língua inglesa e receberam a minha própria tradução livre. Alguns dos autores das reportagens foram consultados, mas apesar de parecerem simpáticos à ideia de alguém escrever sobre o tema, não responderam às minhas perguntas até o fechamento da redação.

A segunda parte do livro recebe dois convidados como fontes cidadãos que passaram na pele a opressão da indústria de I.A. Dada a natureza agressiva dos contratos de trabalhador autônomo, objeto dessa seção do livro, era necessário ocultar a identidade das fontes – Samira e João Victor –, pessoas que escolheram seus próprios nomes fictícios. Essa estratégia é assegurada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros no seu Artigo 5º, em que expressa o direito de resguardar o sigilo da fonte: “Art. 5º É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte”.

Há longas reportagens para dispositivos de mídia digital e papel, e a escolha deste trabalho é a opção do papel, no formato de livro. A primeira razão para isso é que no início do projeto já se tinha a certeza de ser um texto longo, que ia explorar diversas faces da aplicação e da produção da I.A., em duas seções de pequenos capítulos. Para realizar essa tarefa de percorrer todos esses campos a serem explorados dentro da questão, haveria uma grande diversidade de fontes, o que poderia até ser melhor optar pelo digital, mas que retivemos a ideia de que o projeto final fosse em papel pelo simples fato de não depender de eletricidade para ser usufruído e não contribuir para a exaustão crônica de telas.

## **5. PROCESSO DE ARRANQUE**

Em 20 de fevereiro de 2024 está a primeira entrada no meu diário de trabalho do livro. As primeiras semanas foram de decisão sobre formato, inclusive com o primeiro “esqueleto” de capítulos: o que eu acreditava ser mais essencial para cumprir uma boa viagem

de leitura do começo ao fim do produto. Em seguida, fiz a primeira sondagem pelas revistas especializadas em tecnologia e economia brasileiras. Até aquele momento, a intenção era fazer um livro com capítulos bem delimitados, que pudessem funcionar juntos ou separados, tratando de aspectos bem definidos lá no “esqueleto”.

Em março, comecei a busca pelos artigos mais antigos no Brasil em revistas online em *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Valor Econômico*. A palavra-chave: *inteligencia artificial*. No *Valor Econômico*, a notícia mais antiga é sobre o robô Keepon, em 2011. Em *O Globo*, as notícias não são mais antigas que 2011, abandonei. Na *Folha de S. Paulo*, a notícia mais antiga é de 1994, sobre o *Overcoming Depression*, um software para conversar. Busquei anteriores a 2011, limite da notícia mais antiga do *Valor Econômico*. Sondei 2008, mas foi um chute muito raso, então testei começar por 2002 e fui até 1994, encontrando a notícia mais antiga no portal da Folha, em 12 de fevereiro de 1994.

Essa lista de notícias foi classificada da seguinte forma: 1. tom de crítica ou com receio da I.A., 2. tom educativo ou informativo sobre I.A., 3. promoção de produtos e fatos da I.A., 4. eventos culturais e pensadores da I.A., 5. projeções e projetos em curso sobre I.A. Com etiquetas de cores diferentes, foi possível perceber que as notícias se referem a um padrão introdutório e também de receio, de 1994 até 1996, fato da partida de xadrez em que o homem perdeu para a máquina. A partir de então, há sobressalto de fatos e produtos de base em I.A., dando mais crédito às potencialidades e destacando os possíveis usos domésticos. Isto se dá continuamente até 2002 e também no ano de 2008 (lembrando que o período 2003-2007 não foi analisado).

Em 5 de março, escrevi: “Ignorei, na análise das notícias antigas, parte das notícias sobre videogames”. Eram quase exclusivamente usos de I.A. para melhorar jogos de futebol e de tiro. “Como não há nenhuma notícia sobre I.A. em equipamentos bélicos, de onde vem o treinamento para armas? É possível que esses videogames geraram um volume de dados para aperfeiçoamento de armas, sensores e etc.?” A partir dali, fiz o primeiro espelho – o qual não se parece em nada com o resultado final – e uma lista de fontes que eu queria consultar para cada área que os capítulos direcionavam: opções de antropólogos, desenvolvedores, advogados, militares e sociólogos.

No fim do mês de março, meus planos mudaram drasticamente pela morte do meu pai, que faleceu por sequelas de Covid-19. Dele nada eu tenho, além da cara e de um senso de humor ranzinza do qual não consigo me livrar. Além da falta emocional e da saudade, ele fez

falta material. Desde o fim de março eu parei todos os meus projetos para trabalhar como *freelancer* e ajudar nas contas de casa.

Em seguida daquele mês, fui trabalhando no TCC porque me ajudava a não pensar coisas ruins. Mas como eu ficava sozinha em casa, foi se tornando mais e mais difícil, até que não conseguia mais trabalhar, ou nem mais o mínimo. Então comecei a sair de casa para escrever, numa oficina de engenharia na UFSC do projeto de extensão de que eu participava, o que ajudou muito na minha sanidade e autocuidado. De maio até agosto, eu adoeci, desfiz amizades, sofri um acidente de trânsito e, daquele *freelance*, levei um calote.

Em abril, eu tinha começado a consultar as primeiras fontes, que foram desenvolvedores e programadores de *software*. Descobri que muitos projetos do Departamento de Defesa dos EUA são de empresas privadas, uma lógica bem distinta dos demais países. Consultei, então, os jornalistas estrangeiros daquelas reportagens sobre a revolta dos trabalhadores da indústria de videogames da Unity, obtive uma boa recepção, mas nenhum de fato respondeu minhas perguntas. Também percebi que a assessoria de imprensa das Forças Armadas não estava aberta para falar comigo depois que eu dizia o tema.

Naquele mês eu estava adoecendo e foi a partir da conversa com duas pessoas que o trabalho deu uma reviravolta e eu tive um pouco mais de forças para continuar depois de tantas portas na cara. Gabriel Martins e Eliezer da Rosa Jr. me deram seus pontos de vista sobre a proposta que eu apresentei do meu trabalho, e muito contribuíram para o que é hoje o seu resultado final. Gabriel mostrou a importância da Medeia na história do gigante Talos, e deu a ideia de que o livro poderia ter duas seções de capítulos menores, já que existia uma variedade de assuntos para tratar. Eliezer me recomendou as melhores soluções para tratar do que viria a ser o meu objetivo com este livro. Estas eram opções que eu não estava enxergando sozinha.

Em maio e junho, não tive mais forças para ter contato com pessoas, ao vivo, por mensagem, por e-mail, de qualquer forma. Mas enquanto eu não podia falar com pessoas, tratei de ler muito. Li reportagens brasileiras, reportagens estrangeiras, relatórios, monitores, cataloguei e etiquetei todas as matérias daquela compilação da *Folha de S. Paulo*.

O “plano A” era eu mesma ilustrar, tendo em vista a primeira parte da minha formação, que é na área de artes para audiovisual. Mas vi aí uma oportunidade de incluir alguém para me apoiar de forma direta no projeto: primeiro porque não sou uma artista gráfica profissional, apenas tenho boa vontade; mas principalmente porque a parceria poderia

estimular o meu compromisso diário. Contratei o ilustrador que é um grande amigo de décadas, Victor Hugo.

Agora não era mais só meu, mas outra pessoa também queria ver ele pronto, diagramado e bonito. Fui elaborar as pastas de referências visuais e de contexto, fazer as reuniões e pensar no projeto gráfico, o que me fez enxergar um projeto mais real, concreto.

## 5.1. ILUSTRAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

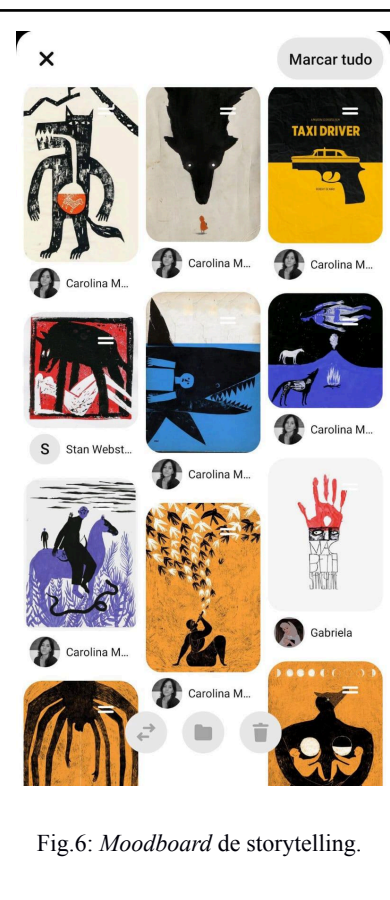
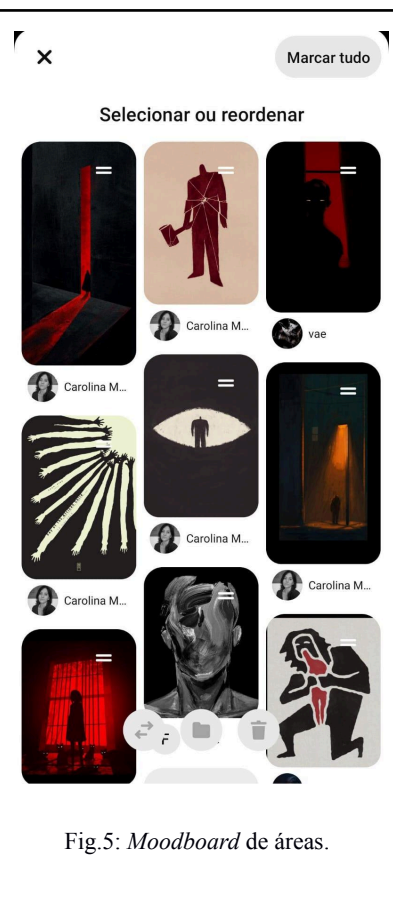
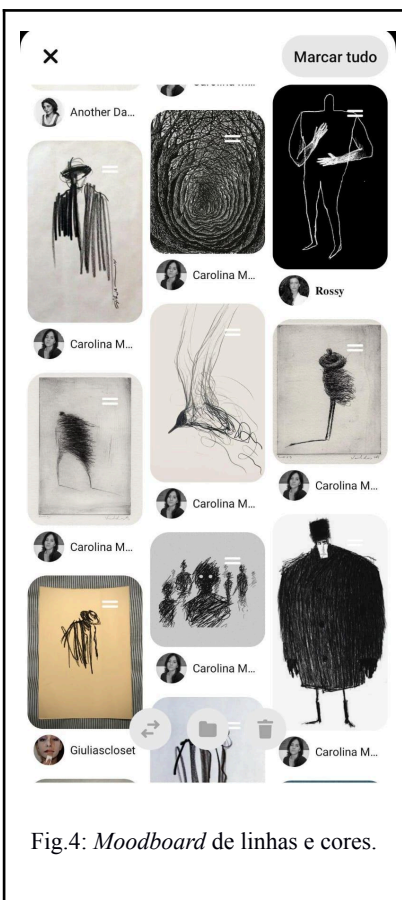
A ideia mais firme da parte gráfica é de que as cores e texturas fossem muito humanas, sujas, rabiscadas, com “erros”, com raiva, com paixão. Precisava indicar pressão sobre o papel. Escolhi apenas duas cores para poder manter o preto-registro ao longo do texto e deixar a impressão mais barata para mim. Talvez algum vermelho, pelo sangue, que é um dos mais fundamentais critérios da vida: as trocas bioquímicas

Acredito que tirar esse plano de fundo da mitologia ajuda bastante na parte plástica do livro, e dava um potencial para ele diferente do que se espera para qualquer livro de tecnologia, em que em vez de apelar para uma estética dos anos 2000, cheia de azul, prata e números binários, eu poderia deixar ele totalmente humano, cheio de falhas, raiva, amor, e todos os defeitos que nos separam das máquinas mas que evidenciam a nossa humanidade.

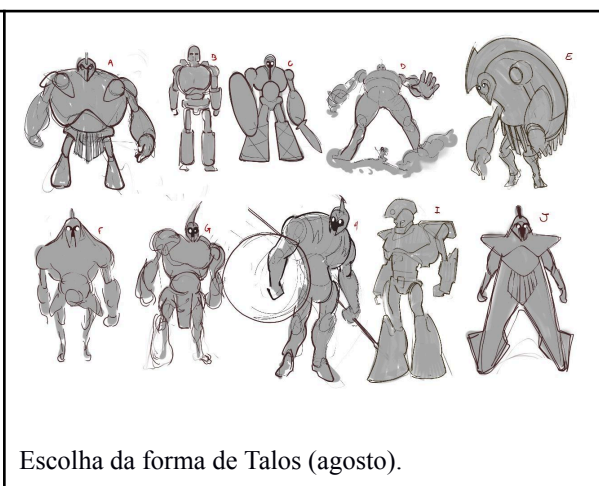
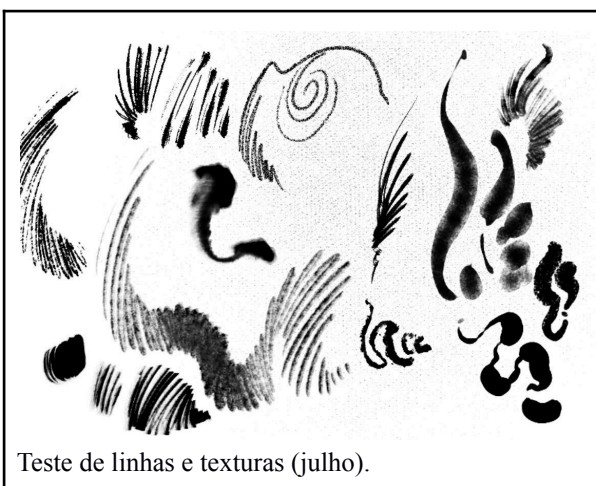
As pastas do projeto gráfico foram feitas pensando em critérios diferentes da ilustração: o primeiro, a história, formas de simbologia; a segunda, de linhas; a terceira, de texturas e uma à parte, para a capa. Algumas vezes, as referências não eram suficientes, e também dei um jeito de expressar a ideia que eu tinha para o personagem, por isso eu mesma sou minha modelo para o desenho do Talos.

Segue amostra de três seleções de referências que fiz para compor o *briefing* do ilustrador. Produzi pastas no Pinterest com artes de ilustradores variados para dar referências para [a capa](#), para as [linhas e cores](#) e para [storytelling](#). Também a seguir selecionei amostras de rascunhos no processo de ilustração por *commission*, de autoria do Victor Hugo, uma grande contribuição que esse trabalho que um ilustrador profissional rendeu para o livro durante todo esse processo.

Amostra de *moodboards* como referência para linhas, texturas, cores e semântica das imagens, pastas com imagens de diversos autores hospedadas pelo Pinterest:



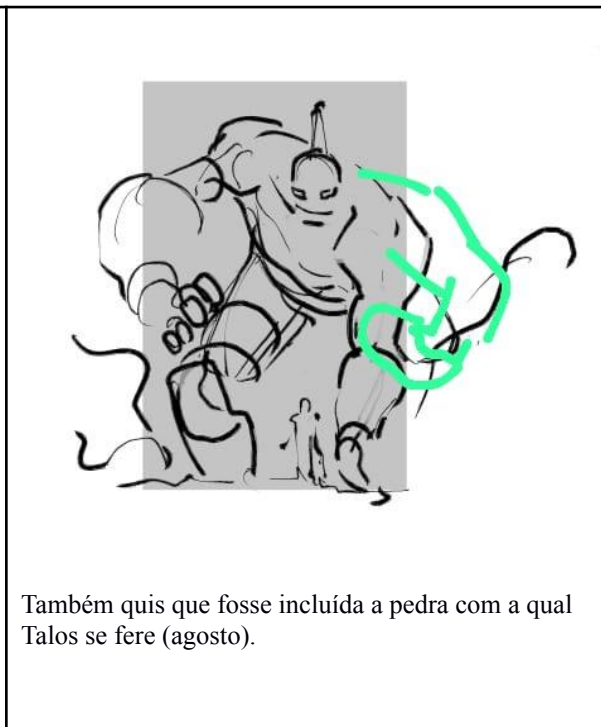
Amostra do processo de maturação das ilustrações que Victor entregou a partir das pastas de referências, de chamadas e do que leu do trabalho que já estava pronto naquela época (Figs. 7 a 16):







Decidimos incluir uma pequena e frágil Medeia (agosto).





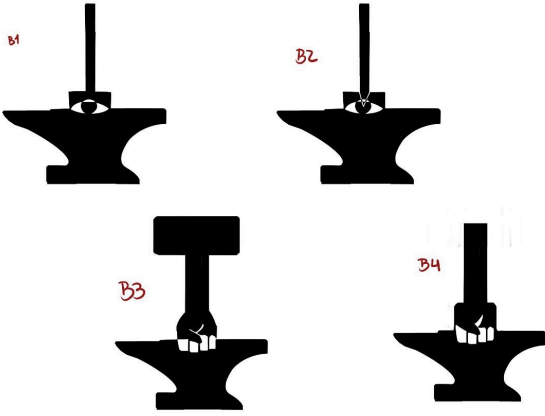
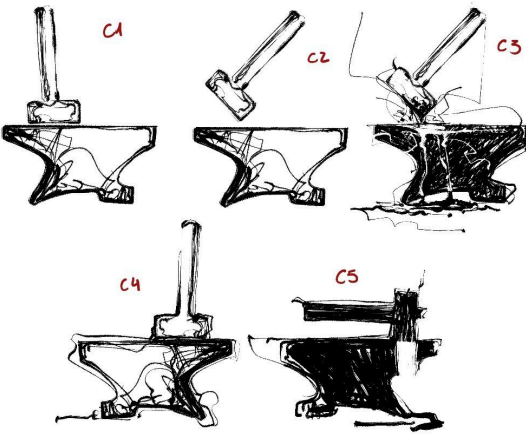
Também quis que fosse incluída a pedra com a qual Talos se fere (agosto).



Primeiro rascunho com a rocha e com a Medeia (agosto).



Eu ainda queria algo mais agressivo, então fiz a referência com a rocha (carretel) e Medeia (caçulinha) posicionados, parece simples, mas pensando em cada ângulo das juntas, foram 15min de trabalho e muitas selfies embaraçosas (setembro).

 <p>Para o Golem, a primeira ideia é de que fosse um contraste com relação a Talos (setembro).</p>	 <p>E também a escolha da cena, ficando decidida de que seria o nascimento do Golem (setembro).</p>
 <p>Pedi que fosse uma capa com a bigorna e marreta, não um martelo. A marreta vem como uma intrusa. Está aí como instrumento de trabalho dos geólogos, para imprimir a memória da despedida que eu fiz neste ano (outubro).</p>	 <p>Em C5, a bigorna escolhida para a capa (mas demorei dias no processo de escolha). Recomei a bigorna como representação para a forja de Hefesto (outubro).</p>

## 5.2. MÉTODO DE APURAÇÃO: ENCONTROS, CHAMADAS E MENSAGENS

Apesar do tempo, dinheiro e energia despendidos para a investigação do método “sola”, a maior parte dos resultados vieram pelo modo remoto. Algumas fontes em Florianópolis são aquelas que posso encontrar pessoalmente e ouvir seus relatos em primeira mão. E vejo como batem os pés, como se sentem confortáveis para falar mais de um assunto do que de outro. Mas, de fato, esse tipo de abordagem para a pauta que é global fica como raridade.

Mesmo sendo um tema que, apesar de ser polêmico, não trata de nenhum ponto sensível, as pessoas mais reservadas darão preferência a deixar o tempo correr antes de se pronunciar. A Inteligência Artificial e a sua expansão veloz não nos deixam tempo para isso. Toda semana tem um evento se desdobrando e mudando alguma característica da área. A sociologia pode esperar para analisar um fenômeno, a história pode coletar os fatos através do tempo, mas o jornalismo age no tempo presente.

Parte das fontes consultadas para esta reportagem é escrita. São reportagens sobre fatos que contribuem para a compreensão do evento, relatórios, pesquisas e monitores observatórios. Nem todos estão expressos no texto do livro, mas todos contribuíram para a compreensão do universo em que se situa o assunto, os desdobramentos anteriores dos fatos, etc. Com relação a entrevistas com pessoas (“pessoas” porque temos duas entrevistas com robôs: Chat GPT e a Meta IA do WhatsApp), é um pouco mais difícil: o meu tempo não é o tempo delas; as minhas necessidades não são as necessidades delas.

Apesar de o ilustrador ter estado tão disponível e ter gostado tanto do projeto, eu não esperava que algumas das fontes também fossem gostar de participar. Na verdade, foi uma grata surpresa. A maioria das pessoas com quem entrei em contato, as estrangeiras, não teve interesse. Principalmente os jornalistas e pesquisadores estrangeiros.

No Anexo I está uma relação das fontes humanas consultadas, mas não inclui todas as conversas e contribuições que recebi nas feiras e eventos em que estive, todos sobre o tema de I.A. O saldo dos contatos diretos com pessoas é o seguinte:

Pessoas consultadas:	31
Respostas:	22
Contribuições e entrevistas:	18
Entrevistas:	8
Encontros pessoais:	5
Encontros remotos:	26

No caso da minha única fonte militar, é ainda curioso pensar que a assessoria de imprensa se mostrou muito receptiva ao tema de primeiro, mas quando entrava em contato com as fontes, ninguém queria falar. As chuvas no Rio Grande do Sul também afetaram essa aproximação, porque de repente até mesmo o assessor de imprensa estava lá no meio da água, sem ter como manter nossa comunicação, em atividades de maior prioridade do Exército.

### 5.3. UM MÉTODO DE BUSCA: A PERNADA

O contato com o major Daniel Baggio foi feito através da minha ida à SC Expo Defense promovida pela Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc). A feira tinha um estande da Aeronáutica e, lá, dois colegas do major lembraram da extensa pesquisa dele com uso de I.A., para aprimoramento de simuladores e treinamento para a Força Aérea; então, me passaram seu contato.

Me ajudou muito no contato com ele essa indicação direta, e também o fato de que



Fig.17: A reunião mais secreta no meio da multidão.

Foto: acervo pessoal.

eu cresci junto ao Centro Tecnológico Aeroespacial em São José dos Campos - SP (CTA/ ITA), para quebrar o gelo. Ele não sabia se poderia me dar a entrevista, mas no mesmo dia do primeiro contato, me enviou muitos materiais consistentes e até a inscrição para o seminário do Exército em I.A., que possuía uma mesa para discussão ética.

Apesar de parecer um resultado proveitoso esse contato com o major, eu conto essa história aqui para mostrar que até conseguir chegar a ele, foi um longo caminho de sete meses de procura, que não teria sido possível sem eu ir me fazer presente nos eventos e no contato pessoal, direto, com aperto de mão firme, dos seus colegas que confiaram a mim o contato dele. Entendo que para a realidade de muitas outras reportagens, apesar de ser um divisor de águas o “gastar sola”, nem sempre é possível.

Nesse evento, as rodadas de negócios e as palestras eram feitas no meio do saguão, e quem passa ao lado não consegue ouvir o que o palestrante diz. É fornecido um fone de ouvido para ouvir direto do microfone dele. Então, eu deixei minhas chaves com a promotora, peguei meu fone, ouvi uma, duas, três palestras. Bastante útil para quem não quer ser gravado, e fiquei grata ao meu eu-do-passado por ter levado papel e lápis, assim como os antigos, em especial os repórteres, faziam.

Duas de três rodadas foram sobre projetos de aplicação da I.A., ainda em desenvolvimento, para mitigar e prevenir desastres, o que traz um grande alívio para quem se

preocupa com o destino dos investimentos nessa área. Mas a estética de tudo o que tem I.A. na feira de segurança sempre procura a imagem de olhos. Em tudo, sempre olhos vigilantes. E eu não acreditei até ser capturada pela lente da Intelbras quando me aproximei do estande.

Fui tão atenta que encontrei a câmera no mesmo instante que ela me encontrou, dando o privilégio para ela de ler o meu rosto em ângulo frontal. O sistema de vigilância da Intelbras na feira trazia um pacote completo: lente de calor, reconhecimento facial imediato, localização geográfica e a descrição do sujeito reconhecido, inclusive dos carros passando lá fora, pelo vidro. A minha descrição, segundo ela: Feminino, meia-idade.



Fig.19: Foto da minha foto no telão monitor no estande da empresa, em feira de segurança e defesa. Foto: acervo pessoal.

Apesar de ser um choque ter a minha juventude negada pela máquina, apenas me motivou a pesquisar mais sobre o reconhecimento facial, que era algo ainda rudimentar dentro do meu trabalho em maio. Podemos colocar em contraste a minha sentença dada pela Intelbras, e a do expositor, que mesmo aparentando ter a mesma idade, recebeu: #Jovem.



Fig.20: Comparativo de duas abas que o telão apresenta (de muitas). Foto: acervo pessoal.



Fig.18: Fone, receptor e pasta.  
Foto: acervo pessoal.

E além de ter essa experiência em carne e osso, a visita a essas feiras também me possibilitou aprender mais sobre um universo que é muito desconhecido para mim, que venho de uma casa de mulheres do meio rural e que não temos contato com esse tipo de atividade militar e de segurança. Só foi possível porque driblei o pastor recepcionista (sim, um pastor!) do COP Internacional, e porque obtive um passe de imprensa garantido pela assessoria de imprensa da Fiesc, ciente de que eu fui para investigar o tema para o meu livro-reportagem.

Aproveitei a oportunidade para ver outras coisas além de procurar por vestígios de I.A. nos estandes e projetos apresentados. Lá eu constatei que, assim como a maca hidráulica, as tecnologias brasileiras em segurança ainda são muito pelo modo manual, mecânico, e precisa passar por uma informatização. O raio-x portátil de

desenho animado vai levar algum tempo para ser comprado. Na verdade, o tanque de guerra em exposição na feira era o Guarani, uma viatura de 15 anos.

Esses são fatos assinalados, depois, em outras entrevistas. Na verdade, tive a contribuição de pessoas que não puderam ou não quiseram dar uma entrevista para usar em texto, mas que me indicaram outras fontes e me ensinaram muito, também. Principalmente porque eu ainda tinha que aprender o mínimo básico sobre alguns assuntos dos quais tratei. Eu não tinha um conhecimento prévio sobre videogames, guerra, computação ou sistemas de crédito.



Fig.21: Projeto do Guarani é dos anos 1990.  
Foto: acervo pessoal.

A última tarefa dos dois dias que eu passei na feira foi, finalmente, conhecer os personagens mais assediados de todo o evento. Acredito que a imagem marca o fim da saga e comprova a minha presença de corpo, alma e solas cansadas no evento: eu, o K-9, minha sacola da Intelbras abarrotada de *folders*, minha vontade de sentar no chão.



Fig.22: K-9 não quis conversar mais que isso, mas não foi o primeiro naquele dia. Foto: acervo pessoal.

## 6. INVESTIMENTO E RECURSOS

Tive um hiato de meses no processo de escrita – ainda que de pouquinho em pouquinho eu estivesse consultando diferentes fontes. O tempo que eu gastei não pode ser calculado, porque entre *freelas* e TCC, eu ia fazendo como podia segundo a urgência dos incêndios, com abas diferentes abertas no navegador, às vezes entre 10 horas e 14 horas passadas em frente à tela, por dia, de agosto para cá. É uma forma rápida para atingir o esgotamento, mas não se deve a este projeto, e, sim, ao acúmulo de tarefas dos trabalhos paralelos.

Meu primeiro ato do ano para começar o TCC foi comprar uma mesa para trabalhar, porque até então a minha casa não tinha uma. Isso me ajudou muito a melhorar a minha postura e também a manter minha área de trabalho organizada. Também comprei uma pequena mas efetiva mesa digitalizadora para o computador, porque o tal do “plano A” era que eu mesma ilustrasse o meu trabalho e já tinha muitas ideias em mente que eu queria pôr em prática antes mesmo de começar a escrita.

Meus planos mudaram, mas ainda tenho a mesa de madeira e a mesa eletrônica. No entanto, eu tive que fazer muitas viagens para sair de casa para escrever, além das visitas a pessoas e a eventos. Desde então eu perdi as contas do investimento feito, porque são muitos pequenos compromissos, e sem manter tudo isso na ponta do lápis, foi se perdendo. Para ter uma base mínima de investimentos para completar este trabalho, inseri a seguinte planilha:

<b>Recurso</b>		<b>Investimento</b>
Mesa		R\$ 249,99
Notebook Lenovo S145 i5		R\$ 3.929,90
Smartphone Xiaomi POCO M5s		R\$ 1.357,00
Internet SIM Digital 1T (x 10 meses)		R\$ 1.200,00
Mesa Digitalizadora XP-PEN Deco Fun S 15 x 10 cm		R\$ 159,99
Eventos e visitas	Combustível	R\$ 400,00
	Alimentação	R\$ 180,00
	Entrada (Crachá de Imprensa)	R\$ 0,00
Ilustração profissional		R\$ 500,00
Adobe InDesign para diagramação (x 4 meses)		R\$ 560,00
Curso da revista EXAME sobre I.A. e Negócios		R\$ 39,90
Assinatura O Globo (x 10 meses)		R\$ 249,00
Assinatura Valor Econômico (x 10 meses)		R\$ 699,00
Impressão de 10 cópias, capa dura, 15 x 21cm, papel pólen		R\$ 360,00
		<b>Total: R\$ 9.884,78</b>

## 7. PANORAMA DA EXPERIÊNCIA

As dificuldades e aprendizados que eu mencionei no texto até aqui são consequências da escolha de um tema em plena mutação, muito veloz, e muito importante



para todos os setores da sociedade em que os humanos se organizam. Outras dificuldades não têm relação com o tema, mas com o sistema em que eu vivo e com um contexto emocional.

A maior dificuldade que eu vejo para o processo de criação desse material, e que ainda vai persistir até que eu encontre o apoio das correções finais da orientadora e da banca avaliadora, é que pode ser um texto denso. Não vejo de forma definida os capítulos que eu tinha planejado ter, bem delimitados, pois deveriam ser como faces de um problema nas seções que tratam da parte externa e na parte interna da I.A.

Ficou mais como um fluxo que atravessa os assuntos de um mesmo evento em duas seções. De alguma forma não estou certa de que esta seja a melhor forma de abordagem. Apenas foi a que era possível eu executar naquele momento - e que contém muito da minha própria dicção. Tenho consciência de que é um assunto complicado para organizar e relacionar suas informações, de forma que mantenha um bom fôlego e sustente o fio da meada, também porque sobre I.A. chegam novidades o tempo todo. Talvez eu ainda pense numa edição mais direta e simplificada, com começo, meio e fim mais claros, uma vez que o que está sendo o tempo todo discutido aqui perpassa o livro de maneira às vezes subentendida, exigindo do leitor acionar passagens anteriores e ele próprio fazer elucubrações.. Acredito que este não precisa ser um livro difícil de ler, por isso ainda penso em outras versões ou em sua continuidade.

É certo que também me tomo por certo choque de realidade e não vejo mercado para uma reportagem longa, em papel, reflexiva, e que provoque uma relação entre o muito novo e o muito antigo. Talvez eu esteja pedindo demais para leitores exaustos? Talvez essa minha inquietação diante do que leio, vivo e reflito impacte no que faço? Antes, eu não tinha experimentado tanta dificuldade em dominar a estrutura do meu texto, então esta experiência específica do TCC foi uma novidade e um desespero. Este problema que mencionei, comigo mesma, sobre o sentido do trabalho quanto a seu fluxo ter sido o mais difícil, é porque entendo que, para resolvê-lo, sou eu *versus* eu, aquela coisa de pulsão, e na maioria das vezes quase sempre eu perco.

Em todos os casos, os desafios para encontrar fontes e para escrever, de uma forma ou de outra, foram mitigados ao longo da execução, me obrigando a procurar outras saídas para resolvê-los, substituições, ou insistindo repetidamente. Para buscar fontes alternativas, precisei especializar meu conhecimento da língua inglesa com expressões e termos próprios das áreas investigadas, que eu não conhecia. Também tive muita ajuda de colegas, professores e fontes que gentilmente compartilharam muito conhecimento comigo – conhecimento que

custa ter – e não haveria um trabalho em mãos hoje se não fosse essa generosidade deles e delas.

Este trabalho foi uma delícia e uma loucura de se fazer. Sempre que trabalhei nele, não me senti desanimada por ele, mas encorajada e cada vez mais curiosa. O que esgotava a minha energia e tempo era sempre algo paralelo, não me lembro de me sentir frustrada com os revezes que levei do TCC, só me motivou a buscar outra solução. Acredito também que quando o trabalho receber mais e diferentes olhares, também vou poder enxergá-lo melhor.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. Companhia das Letras, 1988.

BODEN, Margaret. **Inteligência artificial: uma brevíssima introdução**. Ed. Unesp, 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS - FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. 2007. Disponível em:  
[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)  
Acesso em: 23 nov. 2024

FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. Todavia, 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Geração Editorial, 2004.

**ANEXO I****PESSOAS CONSULTADAS**

Os nomes daqueles que não responderam, não puderam ou não quiseram participar foram ocultados.

Fonte	Área	Como entrou em contato?	Respondeu?	Presente no texto?
João Victor	Data Worker	Encontro pessoal	S	Sim
Samira	Data Worker	App mensageiro	S	Sim
Prof. Dora Kaufman / PUCSP	Economia e Tecnologia	Acertar o endereço de e-mail no chute	S	Sim
Leonardo Rossi	História	Encontro pessoal	S	Contribuiu
Marcelo Soares / Lagom Data	Jornalismo de Dados	App mensageiro e e-mail	S	Contribuiu
CE*	Jornalismo e Segurança	E-mail	N	Não
Pa*	Jornalismo e Segurança	E-mail	N	Não
Alexandre Gonçalves / Agente Informa	Jornalismo e Tecnologia	E-mail	S	Sim
Al*	Jornalista	App mensageiro	N	Não
Ch*	Jornalista	App mensageiro	N	Não
La*	Jornalista	E-mail	N	Não
Pa*	Jornalista	E-mail	S	Não
Yu*	Jornalista	App mensageiro e e-mail	N	Não
sarah_f/ N.Y.	Linguística	App mensageiro	S	Contribuiu
Assessoria de Imprensa da Aeronáutica	Militar	E-mail	S	Não
Assessoria de Imprensa do Exército em Fpolis	Militar	App mensageiro	S	Não
Mj. Daniel Baggio / DCTA	Militar	Indicação, e-mail e app mensageiro	S	Sim
Renata Souza / deputada estadual RJ	Política e Segurança	App mensageiro	S	Não
Dr. Rodrigo Brandão / USP	Política e Tecnologia	E-mail em rodapé de suas pesquisas	S	Sim
Prof. Glauco Arbix / USP	Sociologia e Tecnologia	Assessoria de Imprensa/ e-mail/ chamada de vídeo	S	Sim
Dr. Ruhan Conceição /	Tecnologia	App mensageiro	S	Contribuiu

National Yang Ming Chiao Tung University				
Thales Hubner	Tecnologia	Encontro pessoal	S	Contribuiu
Me. Massimo Rosner	Tecnologia e Energia	Encontro pessoal	S	Contribuiu
Luis Proença	Tecnologia e Jogos	App mensageiro e chamada de vídeo	S	Contribuiu
Me. Felipe Rhenius Nitzke	Tecnologia e Segurança	Encontro pessoal	S	Contribuiu
Prof. Ant* / Institut Polytechnique de Paris	Trabalho e Tecnologia	E-mail	N	Não
Camilla Wagner / Un. Humboldt Berlim / Data Workers Inquiry	Trabalho e Tecnologia	E-mail e chamada de vídeo	S	Sim
Dr. Jo* / Un. of Oxford	Trabalho e Tecnologia	E-mail	N	Não
Dr. Rafael Grohmann / University of Toronto	Trabalho e Tecnologia	App mensageiro	S	Contribuiu
Dra. Milagros Miceli / Un. Humboldt Berlim / Data Workers Inquiry	Trabalho e Tecnologia	E-mail	S	Contribuiu
Prof. Ju* / Un. Yale	Trabalho e Tecnologia	E-mail	N	Não

**ANEXO II****DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, CAROLINA MONTEIRO ALVES, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 17202365, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**1001 Mãos de Ferro: uma inteligência antiga, opaca e Artificial**” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2024.

---

Assinatura

## ANEXO III - FICHA

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2024.1		
<b>ALUNA</b>	Carolina Monteiro Alves		
<b>TÍTULO</b>	1001 Mãos de Ferro: uma inteligência antiga, opaca e Artificial		
<b>ORIENTADORA</b>	Dr <sup>a</sup> Valentina da Silva Nunes		
<b>MÍDIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	Tv/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro) <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; vertical-align: top;">           Local da Apuração: Florianópolis e São Paulo            ( ) Florianópolis ( ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Região Sul            (X) Internacional.            País: Remoto - Brasil, EUA, Alemanha, Suécia.         </td> <td style="width: 50%;"></td> </tr> </table>	Local da Apuração: Florianópolis e São Paulo ( ) Florianópolis ( ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Região Sul (X) Internacional. País: Remoto - Brasil, EUA, Alemanha, Suécia.
Local da Apuração: Florianópolis e São Paulo ( ) Florianópolis ( ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Região Sul (X) Internacional. País: Remoto - Brasil, EUA, Alemanha, Suécia.			
	<input type="checkbox"/>	Reportagem - Livro reportagem (X)	
<b>ÁREAS</b>	Inteligência Artificial, Violação de Direitos, Operários de Dados/ Data Workers, Armas Autônomas, Desigualdade		
<b>RESUMO</b>	<p>O propósito do trabalho é produzir um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso, com uma leitura atual sobre impactos da Inteligência Artificial. Para isso, é feito um paralelo entre o que ela é hoje e a visão que os povos antigos tinham entre os seus mitos do que viemos a chamar de “inteligência artificial”, que hoje estão entre nós mas não são feitos de magia – pelo contrário, se desenvolvem através de carne e osso. A reportagem investiga a relação entre os humanos e as tecnologias de inteligência artificial, num contexto em que esta é como uma nova indústria, suas ferramentas são orientadas por interesses de atores dominantes em uma sociedade desigual, a regulação ainda é esparsa e a ética é tratada como um item opcional.</p>		